

Editorial

Rio de Janeiro, 10 de julho de 2020

Estamos vivendo em plena pandemia da COVID-19 e acabou de ser revelado que entre janeiro e abril de 2020 a polícia do Rio de Janeiro bateu o recorde de assassinatos dos últimos 22 anos. Foram em média 5 assassinatos por dia.¹ Dos assassinatos em 2019, 78% eram negros e pardos. Além disso, em Recife, em junho desse ano, uma patroa, branca e rica, largou o filho de 5 anos da empregada, negra, no elevador, de serviço, e o enviou para a cobertura. A criança na busca pela mãe, que estava passeando com o cachorro da patroa na rua a mando dela, caiu do 9 andar do prédio e morreu.

Outros jovens e adolescentes negros continuaram sendo mortos pelo Estado. Foram vários “Pedros”, “Ágathas” e “Claudias” que tiveram suas vidas ceifadas. Nos EUA, mais um negro foi assassinado por um policial. Esses casos evidenciam que as vidas de negros e indígenas não importam no mundo colonialista. Todos sabemos que negros e indígenas vivem nas piores condições em todos os países das Américas. As florestas continuam sendo devastadas junto com a vida de seus habitantes. Esses são os princípios do colonialismo que continuam com a colonialidade. Até quando?

Racismo e fascismo vigoram com toda força na nossa sociedade doente. Temos o orgulho de publicar textos em contrário aos princípios do colonialismo, da modernidade, do capitalismo, do fascismo. Temos o orgulho de aqui não ser publicado nenhum artigo que defende o capitalismo, seus teóricos, sua escravidão, seu extermínio de negros e indígenas. Lutar contra o racismo é um dever de todos! Lutar contra os fascismos é um dever de todos! Podem contar com essa revista para esses propósitos. Acreditamos que a organização popular, autônoma, horizontal, por meio da ação direta, conseguirá a autodeterminação dos povos e realizar políticas decoloniais, que devem ser pensadas sob a égide da autogestão.

Nesse número trazemos uma entrevista e dois artigos que versam diretamente sobre decolonialidade e antirracismo. Enquanto, outros três tratam de anarquismo e antifascismo. Como não são excludentes, de um modo geral, trazemos as perspectivas decoloniais e libertárias. No interior do primeiro campo, apresentamos uma entrevista de dois indígenas, estudantes da UFRJ, um é o Kandu, da etnia Puri, e o outro é o Lucas, da etnia Munduruku. Eles, melhor do que muitos livros eurocentrados e teóricos colonialistas, relatam suas experiências na

¹ Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/22/rj-tem-maior-numero-de-mortes-por-policiais-em-22-anos-e-o-2o-menor-indice-de-homicidios-ja-registrado-pelo-isp.ghtml>

Universidade ocidentalizada, autoritária, preconceituosa, racista. Trata-se de um relato muito rico e absolutamente de acordo com aquilo que acreditamos, isto é, na construção de um mundo decolonial. Na mesma linha, está o artigo de Paula Busko que resgata o feminismo agroecológico a partir de uma perspectiva decolonial em estudos em comunidades no Vale do Ribeira em São Paulo. O mais importante nesses relatos é o protagonismo dos povos, que não estão como objetos de análise, mas como responsáveis por sua própria História. Ainda na perspectiva antirracista, temos o artigo de Diego Leonardo Santana Silva que a partir dos conceitos de Governança racial e supremacismo branco apresenta um excelente estudo de caso da “*Church of the Creator*” identificando a sua atuação na defesa e justificativa do racismo e a sua naturalização. Trata-se de estudo histórico que ajude a entender os tentáculos do racismo nos EUA. Diego Silva mostra como ninguém a importância de se conhecer o inimigo para melhor combatê-lo.

No campo libertário de análise, estão os artigos de Peterson Roberto da Silva, Bruno Lima Rocha Beaklini e Augusto Martins Oliveira. Os autores de maneira brilhante colaboram sobremaneira para o debate sobre a posição anarquista diante da privatização, da meritocracia e da burocracia. Eles fazem um resgate histórico desse debate e coerentemente apontam para saídas autônomas que não fiquem presas à camisa de força marxista. Ao fazer tais estudos, os autores preenchem uma lacuna na literatura anarquista que muito discute papel do Estado, mas pouco aborda sobre os temas que eles tocam. Para estudiosos e militantes anarquistas se torna uma leitura obrigatória.

Em outro artigo de fôlego, Fernando Bonadia, nos brinda com uma discussão imprescindível, perspicaz e inteligente sobre os maiores protestos de nossa História. Trata-se da revolta dos governados de 2013 no Brasil. Já existem muitas análises sobre 2013, não obstante, o autor, especialista na filosofia de Bento Espinosa, inova ao utilizar o conceito de indignação, do supracitado autor, para abordar as jornadas de junho. Ele foca suas análises nos acontecimentos da cidade de São Paulo. É leitura obrigatória para estudiosos do tema e para aqueles que querem entender os nossos dias, pois 2013 explica muita coisa.

Victor Mignone Emery Trindade, Andrea Costantini, Eva Koller, desde a Universidade de Estocolmo, nos brindam com uma análise absolutamente atual sobre o anarquismo na Espanha durante a pandemia de Covid-19 e as possibilidades de ocorrer mudanças profundas no país. Depois de amplo debate, com resgate histórico de momentos revolucionários saírem de temporadas de profunda crise, como o que estamos vivendo hoje, os autores concluem que, diferente da década de 1930, quando ocorreu a revolução espanhola, na qual foi demonstrada a força anarquista, hoje a possibilidade de revolução é mais remota. Essas conclusões, ocorrem, embora, os movimentos anarquistas tenham se reinventado e ganhado cada vez mais força no

país. Uma das grandes contribuições do artigo é seu resgate teórico com autores clássicos do anarquismo como Bakunin até Chomsky e a passagem sobre a história do movimento anarquista na Espanha.

Guilherme Sam-Sin de Souza discute de maneira exemplar “anarquismo e violência.” Para tanto, o autor realiza o encontro entre a teoria anarquista clássica, Bakunin e Kropotkin, e uma vertente que cada vez mais tem ganho força no movimento social, o anarquismo negro de Kom’Boa Ervin. Como forma de incrementar a discussão, Souza também recorre a Georges Sorel e Walter Benjamin. Trata-se de estudo no campo da Filosofia que ocupa um lugar de reflexão absolutamente atual de maneira multifocal. Assim, consegue atingir seu objetivo de modo que o leitor verá uma visão contra-hegemônica da violência.

Cello Latini, enquanto um corpo trans, escrevendo desde a sua experiência pessoal, traz uma discussão original sobre a transgeneridade. Sua grande e singular contribuição para o tema constitui-se na utilização da lente teórica anarquista. Assim, se apropria dos conceitos de autogoverno e autodeterminação para reivindicar a tão sonhada liberdade dos corpos. Trata-se de artigo definitivamente ousado e revolucionário. Indubitavelmente, fará história para os estudos sobre a situação de pessoas trans. Certamente, será um marco para quem quiser pensar na situação dos corpos trans e na sua libertação.

Agradecemos a todes que colaboraram diretamente para que esse trabalho viesse a público. Os membros do conselho editorial, os pareceristas, os autores e mais particularmente, Guilherme Santana, Juan Magalhaes, Isabella Correia, Caroline Lima Dias, Cello Latini e Kaio Braúna foram fundamentais.

Por fim, mais uma vez esperamos que a revista venha cumprir o seu papel histórico: dar voz aos saberes sujeitados, aos estudos que sofrem do epistemicídio, às pesquisas que sofrem de diferentes racismos. Assim, temos orgulho de veicular aqui temas decoloniais, transgêneros, antirracistas, negros, indígenas e anarquistas. Desejamos uma boa leitura!

Saudações decoloniais e libertárias!

Andréa Nascimento – Editora Assistente

Wallace de Moraes – Editor